
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

OFID. MET. IV.

DOMINGO 27 DE JUNHO DE 1830.

OBSERVAÇÕES PRÁTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO DO POVO;
DIRIGIDAS A'S CLASSES INDUSTRIOSAS, E A'QUELLES
QUE AS EMPREGAÕ. POR *Mr. Brougham.*

De depois da invenção da imprensa, nunca o corpo social recebeu um beneficio mais notavel do que o das instituições, a cujo exame Mr. Brougham dedicou a sua obra. Nada há tão admiravel como o zêlo, a candura, e o juizo prudencial de Mr. Brougham. De todos os titulos de honra reunidos n'este escritor, nem um é mais digno de invejar-se, como aquelle que existe baseado nos serviços por elle feitos á educação. Dos beneficios, que elle há prestado, é este o mais fecundo e incontestavel; a gloria, que d'isso lhe resulta, acha-se inteiramente isenta de espirito de partido; tambem pessoa nenhuma lh'a tem disputado. Louvores lhe seião dados mais que nunca, por seus recentes trabalhos a prol das escolas de mecanica! Na sua memoravel exposição sobre o *abuse* da caridade publica, vê-se que elle estava tão animado

por uma justa indignação, como pelo prazer de triumphar da grande opposição, que contava encontrar na indolencia e corrupção de certas classes; mas, no presente escrito, Mr. Brougham não foi movido senão pela humanidade, por este quasi gosto sublime para o amor e reconhecimento da posteridade, que sustenta os verdadeiros patriotas, quando no silencio do gabinete trabalham por assegurar a felicidade de seus concidadãos, sem inflamar-lhes as paixões, nem captar-lhes a benevolencia.

A obra, de que fallamos, termina assim:

“E' inutil, diz Mr. Brougham, que, prestes a concluir, eu combata ás objecções d'aquelles, que, por motivos politicos, não querem que a instrucção se estenda ás classes industrias, e a mim mesmo me felicito por não ter que cumprir com esta espinhosa tarefa. Já-lá váe o tempo, em que os falsos beatos chegavão a persuadir aos ómens que era preciso lançar *na fogueira* as luzes da philosophia, por perigosas á religião, e em que os tyrannos proscrevião, como a inimigós do seu poder, os cidadãos, que se dedicavão á instrucção do povo. Hoje mui bem se conhece quanto é absurdo o crêr que a sciencia das leis, que regem o universo, dispõe os animos para a incredulidade; são poucos os que ignorão que ella é o infallivel antidoto da superstição, e sobre tudo da intolerancia. Não, a pura, a verdadeira religião nada tem que temer das luzes, que possa o entendimento humano receber do estudo da materia, ou da alma; para que melhor se conheça o author de todas as cousas, e o povo se não torne o ludibrio dos velhaços e impostores, é bom que ás sciencias se espalhem o mais

possivel. A instrucção do povo é para os tyrannos, e os governos maus, um objecto de terror; é a luz fatal a seu despotismo; elles bem o sabem, mas é-lhes mais facil amaldiçoalla, do que extinguiilla. E' bem contra sua vontade que ella se derrama por esses mesmos paizes, em que com mais estabilidade domina o poder arbitrario; e, em Inglaterra, o mais leve esforço por torcer seus progressos arrastraria a subita ruina d'aquelle, que se atrevesse a commeter tão louco arrojô.

Direi, por tanto ás altas classes da sociedade, que a questão já não versa sobre se o povo deve ou não ser instruido, pois que se acha irrevogavelmente resolvida essa questão: trata-se de saber se deve ser boa ou má a instrucção, que se lhe dêr; se elle tem direito só a uma instrucção imperfeita, ou áquella, que justamente exigirem a sua posição, suas necessidades. Ninguem deve temer-se de vêr todo o povo bem instruido nas suas relações para com seus superiores. Simples trabalhadores podem vir a ser distinctos por sua educação, e até dedicar-se ao estudo das sciencias mais sublimes. E qual será o resultado d'isto? Terão os professores de merecer a sua superioridade, vendo-se obrigados a adquirir conhecimentos mais elevados e mais solida educação. Cuidar-se-ha em tornar mais espaçoso o recinto de nossos collegios, e muitas das nossas grandes cidades, especialmente a capital, terão então ao seu alcance todos os meios necessários para proporcionar a seus habitantes toda a instrucção, que quizerem receber.

Dizei á classe dos artistas, que é chegado o tempo de elles fazerem um grande esforço para haverem o esti-

mavel beneficio da instrucção. Nunca se vio os ricos tão dispostos a facilitar-lhes os meios, como o estão agora; mas, tambem deve o povo aproveitar-se do favor das circumstancias, e seguir o movimento, que dão as classes altas á educação popular. Aquelles, que já lançados na carreira, tem saboreado os frutos da sciencia, não precisam, para n'ella perseverarem, de novas exhortações; mas, se estas paginas cabirem nas mãos de um trabalhador, nos momentos de descanso, que necessariamente lhes ficão dos trabalhos diarios, não peço em recompensa, (eu, que não cesso nunca de escrever para bem da sua felicidade,) senão que elle economise *antes vintens*, vá no dia seguinte comprar a vida de Franklin, e d'ella lêa a primeira pagina. Estou certo que elle hade lêr o resto, e desde logo consagrar o seu tempo, e todo o dinheiro, que puder economisar, a adquirir os conhecimentos, que transformarão um *official impressor* no maior philosopho, e n'um dos mais eminentes estadistas do seu seculo. São poucos, não há duvida, os ómens, que estão destinados a elevar-se a tão alto como elle; não é preciso que os trabalhadores tenham uma vida tão regular, nem que economisem com tanta severidade todos os seus instantes; mas, seguindo suas pizadas, podem todos encaminhar-se bem, exercitando-se como elle á temperança, e a uma industriosa actividade, dedicando-se ao estudo; e antes de fazer esta experiencia, nem um poderá dizer até que ponto será capaz de assemelhar-se ao seu modelo.



HYMNO DA MORTE

Os trabalhos, as dores, e as penas,
 O'mem, pois qu' és mortal, são teu destino;
 De manhã te levantas,
 E sentes faltas mil:
 A' noute das fadigas abatido,
 Te deitas e cansado:
 Sus: consola-te: que te espera a morte;
 E descanso te dar lhe coube em sorte.

Olha: vê o navio, qu' agitado
 Pela tormenta, quer seguro porto
 Buscar, onde se salve:
 E' este mar a vida,
 Que as tormentas não deixão um instante
 Em descanso ficar:
 E' a sepultura porto bonançoso,
 Onde Eólo jámais entrou furioso.

O tenro infante vê que foi deixado
 Pela mãe, p'ra tentar as suas forças:
 Elle corre tremendo;
 Lhe estende os fracos braços;
 Elle chega: a seu collo se arremeça;
 Não sente mais fraqueza:
 Elle o ómem figura; a mãe figura
 Natureza tornada em sepultura.

O'mem fraco , tu és na tua vida

Escravo da cruel necessidade :

Dos feitos (s) ludibrio ;

Tuas duras cadêas

Quebrará para sempre doce morte :

Tu livre ficarás :

P'ra ti existirão n'immensidade

Tu e o Deos , que preside á eternidade,

Um Deos, qu'anima o mundo , escapar deixa

Um sopro , e elle a vida constitue :

Um Deos o sopro tira

Então nos deixa a morte :

Qu' admiravel um sopro é, qu' em teu seio

Igual ao vento passa ?

Viste admirar-se as folhas d'um momento

Não terem sobre si fixado o vento ?

Tu viste perecer teu semelhante :

As suas conyulsões t'amedrontarão :

Os esforços da dôr

A' morte attribuiste ,

Quando quer agarrar a sua preza :

A morte é impassivel :

Ve os males da vida á sepultura

Juntar-se ; mas além é paz segura.

Não pensas tu qu' o tempo lento passa ?

E' qu' o tempo conduz consigo a morte ,

A morte qu' é o termo

Para onde a Natureza

Tende sempre inquieta e impaciente ;

Qual ómem não deseja

D'amanhã conhecer qual seja a sorte ?

E' hoje a vida , e ámanhã a morte.

A velhice , que d'alma os ferros quebra ;

Caducidade , ou morte inevitaveis ;

A doçura do somno ,

De si esquecimento ;

O pezar , qu' acompanha a existencia ,

Quando apathica e lenta ;

Dispõe-nos tudo , tudo nos convida

A deixarmos sem susto a triste vida.

Porque motivo , pois , um bem recuzas ,

Ac qual és arrastado por tal modo

Que resistir não podes ?

Mais sabio por ventura

Te julgas do qu' a sabia Natureza ?

Que Dees melhor ser cuidas ?

Mas , tu abysmo julgas insondavel

As trévas do futuro impenetravel.

E quem havia de soffrer a vida,
Sendo menos terrivel o deixalla?

Assusta a Natureza

A fim de nos reter :

• Uma cava é profunda, que da vida

Aberta nos confins,

Que aberta nos confins da morte, aterra.

Quem a seus dias faz cruenta guerra.

Eterna vida um Deos inexoravel

Por eterno supplicio ao ómem déra :

O desgosto , a tristeza

O peito lh' affligirão :

Pezar-lhe-hia qual rochedo em todo o tempo

A vida necessaria.

D'alliança entre Deos e o ómem feita

A' morte a vida é por signal sujeita.

Fazer qu' a morte mais preciosa a vida

Por uma só maneira o ómem póde :

E' viver pela Patria;

A seu culto fiel ;

Fiel a suas leis , sua fortuna,

E d'ella merecendo ;

Podem dizer morrendo : " O' Patria amada !

" Por ti gozei do ser , e volvo ao nada ! ,,

MARMONTEL : *Incas* , Cap. XLVII. Traducção
de um digno Membro do Curso Juridico.



ANECDOTAS.

Lê-se com prazer na Gazeta Litteraria da Europa de 21 de Março de 1764 as circumstancias as mais interessantes, que acompanharão a operação da cataracta, feita a um mancebo de vinte annos de idade, e que tinha nascido cego. Julgamos que esta narração interessará a nossos Leitores da mesma sorte, que nos interessou, e por isso a traduzimos.

Tendo o cirurgião, (Mr. Grant,) assegurado aos paes do joven cego que elle destruiria o obstaculo, que o privava da vista, juntárão-se muitas pessoas para serem testemunhas da operação. Todos os espectadores tinham promettido guardar silencio, se a operação produzisse o desejado effeito, a fim de melhor se observarem os movimentos, que produzirião na alma do mancebo as novas sensações, que elle soffresse. A operação surtiu todo o effeito, que se esperava. Quando os olhos do mancebo fôrão feridos pelos primeiros raios da luz, vio-se em toda a sua pessoa a expressão de um extraordinario transporte; elle pareceo a ponto de desmaiar de alegria e espanto. O operario estava diante d'elle com seus instrumentos na mão. O mancebo o examinou desde a cabeça até aos pés, elle se examinava a si depois com a mesma attenção, e parecia comparar sua figura com o que elle via. Tudo lhe parecia exactamente semelhante excepto as mãos; porque elle tomava os instrumentos do cirurgião por parte das mãos. Em quanto estava occupado n'este exame, sua mãe, que não podia conter

mais tempo as ternas sensações, de que seu coração estava agitado, se lhe lança ao pescoço, gritando: “Meu filho! Meu caro filho!”, O mancebo reconheceu a voz de sua mãe, e só pôde pronunciar estas palavras: “Sois vós! . . . E’ minha mãe . . . e desmaiou. Havia no quarto uma rapariga, com quem o mancebo tinha sido creado, e que, mesmo cego como era, elle amava, e era d’ella amado ternamente. Quando ella o vio sem sentidos, deixou escapar alguns gritos de dôr, que parecerão reanimar a sensibilidade do mancebo. Voltando a si, seus olhos se fixarão no objecto amado, cuja voz elle reconhecia. Depois de alguns momentos de silencio: “Que me fizeram?”, Diz elle: “onde me trouxirão? O que eu sinto em torno de mim é a luz, de que me fallarão tantas vezes? O novo sentimento, que eu soffro é o da vista? Todas as vezes que vós dizeis que vos alegrais de vêdes uns aos outros, sois tão felizes, como eu sou agora? Onde está Thom, que me serve de guia? Parece-me que agora eu andaria bem sem elle.” Elle quiz dar alguns passos; mas, parou, e pareceo aterrado de tudo, o que o cercava. Como a agitação de sua alma era extrema, dissérão-lhe que era necessario que elle voltasse por algum tempo a seu primeiro estado, a fim de dar pouco a pouco a seus olhos a força de supportar pouco a pouco a impressão da luz; e que era necessario que elle se fosse costumando a vêr por graus, da mesma maneira que se tinha costumado a andar. Elle se rendeo com muito pezar a estas razões; tiverão-no algum tempo com os olhos cobertos; e n’esta nova cegueira elle se queixava amargamente de que o tinham enganado: que algum encanto tinha sido empregado para lhe fazer crêr que elle gosava do que se

chama luz : elle acrescentava , que as impressões , que lhe tinham ficado n'alma , são taes que enlouqueceria , se não lhe restituíssem a vista. Outras vezes , elle procurava advinhar os nomes das pessoas , que tinha visto , ou queria contar o que tinha notado ; mas , faltavão-lhe termos para se exprimir. Finalmente , quando julgáram que elle estaria em estado de supportar a luz , encarregáram a sua amada de lhe tirar a venda dos olhos , e de procurar distrahir com seus discursos a impressão mui viva dos objectos. Ella se chegou a elle , e ao tempo que ia desatando a venda , ia com palavras ternas renovando os seus protestos de amor , e mostrando desconfiança de ser abandonada pelo seu amante no seu novo estado. Elle renova todos os seus juramentos ; e torna a vêr a luz com a mesma perturbação , e encanto. Não podia cansar-se de olhar para a sua amada : chamava-a tocando-a ; e lhe pedia que fallasse , para se assegurar se era ella , que elle tocava. Tudo o admirava : confundia tudo : e só por graus chegou a distinguir e conhecer as formas , as côres , e as distancias.



E' tal o imperio da virtude sobre o vicio , que este se vê obrigado a fugir todas as vezes que apparece aquella. Um argumento , que confirma esta asserção , e que não tem reposta , é que até hoje ainda ninguem quiz ser chamado criminoso : e que os authores dos maiores attentados querem sempre passar por virtuosos : e o facto seguinte mostra que a pratica , n'este caso , é conforme com a theoria.

Um marinheiro de Martiga , villa de Provença , tinha casado com uma mulher nova , bella e virtuosa. Ela

ta mulher, tendo gasto o pouco dinheiro, que seu marido lhe tinha deixado embarcando-se, recorre a um sujeito de Martiga, que a protegia. Este ómém, captivo da belleza da mutuante, ousou pôr ao serviço, que ella lhe pedia, um preço, que a honrada mulher indignada lhe recusou sem hesitar, esperançada em que seu marido não tardaria. O marinheiro não chegava; e em poucos dias, esgotados todos os recursos da pobre mulher, a necessidade fez-se sentir. Ella era mãe; e receando vêr perecer um filho, que criava a seus peitos, e outro um pouco mais velho, que lhe pedia pão, foi procurar o seu tyranno, a vêr se o podia dobrar. Debalde lhe representou a cruel situação, a que estava reduzida: debalde quiz interessar a sua delicadeza: debalde derrama lagrimas: debalde se lhe lança aos pés. Nada podendo, em fim, obter do barbaro, ella lhe permite, vencida pela necessidade, que venha ceiar e passar a noute com ella. Depois da cêa, que foi triste, o monstro a aperta para preencher as suas convenções. A pobre mulher pega então do filho, que estava adormecido, e apertando-o a seu peito, com os olhos cheios de lagrimas, lhe diz:

“ Mama, meu filho, mama: tu bebes ainda o leite de
 „ uma mulher honrada, que vae ser apunhalada pela
 „ necessidade. A’manhã... Ah! Que não possa eu saciar-te
 „ para sempre! A’manhã tu só terás o leite de uma in-
 „ feliz.... „ Suas lagrimas acabárão o que queria dizer.
 O barbaro, commovido por um tal espectáculo, foge arremecendo a bolça, e exclamando: “ Não é possível resistir a tanta virtude! „

Extracto de uma viagem á Grecia por Mr. GUYS.